

# **Pela vida, por direitos, construindo um PSOL Carioca independente e ecossocialista**

*Tese apresentada pela Comuna, APS e Independentes*

## **A política ecocida-genocida e a precariedade da vida no Brasil pandêmico.**

1. Neste momento, a política genocida do governo Bolsonaro já vitimou mais de 500 mil pessoas. Desde o início da pandemia, o governo federal atuou contra as vacinas, as medidas de restrição de circulação, o uso de máscara e o distanciamento social, construindo uma política institucional de propagação do vírus. Assim, o Brasil virou epicentro da pandemia, gerando o surgimento de variantes com maior potencial de contaminação e letalidade. Bolsonaro sabotou as iniciativas de governadores e prefeitos para conter a disseminação do novo coronavírus. A banalização da vida que sempre foi marca do bolsonarismo atingiu seu ápice. Além disso, a pandemia foi uma oportunidade para os latifundiários e o grande capital “passarem a boiada” na destruição de direitos, patrimônio público e meio ambiente.

2. A ofensiva do capital sobre a natureza atinge diretamente os povos da floresta. Não por acaso os indígenas são um alvo prioritário do bolsonarismo, afinal lutam contra o avanço dos interesses de madeireiros e grileiros. A criminalização das lideranças indígenas, como no inquérito aberto contra a APIB e Sônia Guajajara, demonstra isso. Mais de 100 portarias revogadas em assistência psicossocial e o aumento no encarceramento em massa têm tirado a liberdade, direitos, a casa e a possibilidade de vida das pessoas pobres e pretas como parte desse projeto genocida que tem cor alvo.

3. As contrarreformas de Guedes aprofundam o problema, levando a uma situação de mais de 14 milhões de desempregados no Brasil, a Reforma Administrativa em trâmite no congresso será um dos maiores ataques já feitos ao funcionalismo público. É necessário não só impedir o avanço das contra-reformas, mas também reverter as que foram aprovadas em governos anteriores a esse, como o teto de gastos e as reformas da previdência.

De Witzel à Claudio Castro: A crise política do Estado do Rio de Janeiro

4. O Estado do Rio de Janeiro é o laboratório desse amálgama de uma burguesia exploradora, a militarização do cotidiano, o avanço das igrejas pentecostais e a economia

extrativista com uma elite política completamente degenerada que dá lugar a figuras como Witzel, Castro e Crivella. Nos últimos 4 anos, 6 governadores foram presos ou afastados, escancarando uma profunda crise política alimentada por uma crise econômica.

5. Essa trajetória teve contribuição também dos governos progressistas. O Estado foi parte do consórcio político entre os governos federais do PT e setores da burguesia. As expressões desse pacto se manifestaram com a intensificação da militarização das favelas através da implementação das UPPs, levando ao avanço das milícias. Além disso, foi também durante os governos de Lula e Dilma que essa aliança chancelou os suspeitos investimentos bilionários dos megaeventos que resultaram em diversos despejos.

### **Eduardo Paes: Entre a tragédia e a Farsa**

6. Na cidade do Rio, Crivella foi eleito no segundo turno contra a candidatura de Marcelo Freixo, ancorado em uma plataforma de fake news e baseado na força das igrejas neopentecostais. Não existe outra palavra melhor que “desastre” para marcar os 4 anos de Crivella na prefeitura. Após as eleições de 2018 o “prefeito bispo” dá um giro em direção a base bolsonarista tentando se ancorar no reacionarismo mais rasteiro. Se antes era o ministro de Dilma, agora ele perseguiu, censurava e se tornava o mais devoto dos bolsonaristas.

7. Nesse cenário, às eleições de 2020 colocaram de volta no jogo a figura de Eduardo Paes, o prefeito que mais removeu pessoas na história do Rio. Se vestindo em uma roupagem progressista, a tragédia de Crivella permitiu que Paes se repetisse enquanto farsa e que ao invés de vermos o fisiológico prefeito da “cidade balcão de negócios”, completamente envolvido em escândalos de corrupção, vimos um “democrata” que trazia uma imagem idealizada de um passado que só foi bom para alguns. Inclusive, cabe ressaltar que este sempre esteve enquanto membro ativo do núcleo da direita tradicional do Rio, fomentando o Neoliberalismo em nossa cidade através de muitas de suas medidas.

8. O retorno de Paes à prefeitura aciona uma memória traumática, suscitando medo em muitos moradores de favelas. Se o governo de Crivella foi marcado por um desmonte das políticas e órgãos voltados à produção de habitação social e por despejos forçados em plena pandemia, a atual gestão já aponta para novas remoções, especialmente de favelas que no passado resistiram aos tratores do Estado, como as comunidades da Zona Oeste.

9. A milícia se consolida como a grande força de controle paralelo no Rio. Segundo uma pesquisa do Mapa de Grupos Armados do Rio de Janeiro, divulgada em 19 de outubro de 2020, a milícia controla 41 bairros do município, estes com 2 milhões de habitantes. A pesquisa indica que o poder dos milicianos é maior do que todos os outros grupos criminosos juntos. Nestes territórios, ela controla os setores de transporte, insumos residenciais e tráfico, valendo o destaque para a ocupação do setor imobiliário, seja assumindo controle de habitações do Programa Minha Casa Minha Vida através de grilagem de terras ou via seu braço institucional nos debates sobre plano diretor.

10. Apesar dos graves impactos da crise sanitária e econômica sobre as favelas e periferias, a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro iniciou a revisão decenal do Plano Diretor, ferramenta central do planejamento urbano no Brasil. A recusa da prefeitura de suspender a revisão revela a face autoritária e excludente do prefeito e de seu secretário de urbanismo, que mantiveram a revisão do Plano Diretor de forma virtual e com espaços de participação online. Tendo em vista a exclusão digital e as dificuldades econômicas enfrentadas pela maior parte das famílias brasileiras, essa decisão impede que os cidadãos, especialmente aqueles que vivem nas favelas e periferias, participem do debate sobre os destinos da cidade onde vivem, limitando sua capacidade de influenciar a política urbana.

11. O programa Reviver Centro já aponta para esse caminho. Vendido como projeto de revitalização, ele ignora aqueles que já moram em ocupações urbanas e trabalham no Centro. O decreto proíbe os trabalhadores ambulantes, camelôs e a moradia em diversas regiões no centro da cidade. Sem nenhum debate, esse projeto pode levar à situação de vulnerabilidade diversos trabalhadores no momento da maior pandemia da história.

12. O assassinato da nossa companheira Marielle Franco, em março de 2018, tornou-se um marco sobre o poder da milícia e seu papel no controle do estado. Mesmo com a investigação longe de ser concluída, foi apontado o envolvimento de milicianos trazendo à tona a relação da organização com o poder do estado e a família Bolsonaro, com homenagens oficiais na câmara e nomeações de familiares destes como assessores em seus gabinetes. Fundamental ainda frisar que o assassino de Marielle, Ronnie Lessa, morava no mesmo condomínio que o presidente, Jair Bolsonaro

13. A pandemia da Covid 19 evidenciou uma série de desigualdades sociais que já se faziam presentes no município. Em um primeiro momento, as políticas de Crivella e de seu corpo na Secretaria de Saúde, colocou o município de forma aliada à política genocida do Bolsonarismo. Além de não desenvolver qualquer tipo de assistência que viabilizasse uma

quarentena com comida no prato, e emprego garantido para as camadas mais vulneráveis, a reabertura forçada do comércio da Cidade em 2020, fez com que a curva de casos e de morte chegasse a uma das piores condições do país.

14. Além disso, uma série de falhas se fizeram presentes no desenvolvimento da aplicação do plano de imunização da população carioca. A prefeitura vem usando quase que semanalmente as notícias de chegadas de novas vacinas como elemento de propagação e campanha da imagem do prefeito, reforçando assim a sua dominação de base carismática enquanto chefe do executivo municipal.

15. A capital fluminense é uma das cidades mais afetadas pelas mudanças climáticas, hoje já é possível ver o impacto do aumento do nível do mar em regiões como as ilhas do governador, Paquetá e Fundão. Além disso, às enchentes constantes quebram recordes anuais e seguem aumentando ano a ano, assim como às temperaturas dos verões e os períodos cada vez mais longos de estiagem. É cada dia mais impossível negar os efeitos das emergências climáticas e de uma política ambiental marcada pela entrega das zonas verdes da cidade à especulação imobiliária, às milícias e às grandes obras

16. A agenda de privatização dos bens comuns deu mais um passo com o leilão da CEDAE. A falta de interesse no “Bloco 3” que comporta uma população majoritariamente negra e pobre reforça e aprofunda o racismo ambiental.

17. O racismo ambiental é uma marca indelével do Rio de Janeiro. Vivemos em uma cidade onde quem tem acesso a água potável, saneamento básico e coleta de lixo tem cor e CEP. Além disso, é impossível não lembrar da Ternium que instalada em Santa Cruz destruiu o ecossistema da região além de causar impactos na saúde da população da região e cuja “multa” foi construir ciclovias em Laranjeiras, região majoritariamente branca da cidade.

### **PSOL: balanços, lições, oportunidades e desafios**

18. O PSOL Carioca aumentou sua bancada de vereadores nas últimas eleições municipais de 6 para 7, crescendo numericamente a sua presença. Porém, ao nosso ver, o aumento não significa necessariamente uma vitória política visto que alguns nomes novos nunca construíram o partido, enquanto outros que saíram sempre estiveram presentes nos espaços junto à militância de base. Inclusive uma preocupação importante de se destacar é que desde que Freixo começou a acenar para outros campos políticos, parou por completo

a sua participação em espaços internos do partido, que inclusive desde 2012 era bem pequena.

19. Neste último período, o surgimento dos programas privados suprapartidários de formação de liderança, como RAPS e RenovaBR se fortaleceram e deram frutos tanto nacionalmente quanto no estado e município. Ao mesmo tempo que elegeu uma vereança na bancada do partido, estes mesmos grupos são responsáveis por eleger e apoiar figuras de apoio ao governo Paes. Inclusive, seu secretário de educação Renan Ferreirinha é fruto deste processo. É fundamental que o PSOL não repita os erros do passado e que não aceite mais nenhum quadro destes programas, os quais se utilizam de pautas da esquerda para cooptar quadros para os interesses da ordem burguesa.

20. Desde 2016, o PSOL vem tentando corrigir uma contradição como partido de esquerda combativo. Priorizamos pouco a formação de lideranças políticas que representassem as diversas facetas das classes subalternas. A mudança começou com a eleição de companheiras como Marielle Franco, e a disputa para que as direções partidárias respeitassem a paridade de gênero e cotas de representações negras e étnicas. Será preciso avançar muito mais, aliando a representatividade com a construção de uma política que subverta a institucionalidade com um fim em si mesmo e faça deste espaço um instrumento de poder popular.

21. Os núcleos de base do partido tiveram um papel historicamente protagonista, sendo importantíssimos nas campanhas de Freixo em 2012 e 2016, provocando na primeira a chamada *Primavera Carioca*, e possibilitando na segunda a ida de Freixo ao segundo turno. Esta política de um PSOL nucleado e com inserção real em territórios por toda a cidade, foi capaz de levar esperança e construir um partido para além do calendário eleitoral por toda a capital. Esta foi sem dúvida a maior vitória do PSOL nos últimos períodos. Devemos lutar por um partido nucleado e em hipótese alguma deixar que se torne um mero aparato burocrático que somente atua dentro da ordem imposta pelo Estado burguês.

22. Porém, acompanhamos diretamente a política de esvaziamento dos núcleos de base, que tem como principal protagonista os grupos dirigentes do PSOL no Rio de Janeiro. Esse esvaziamento, iniciou-se após as eleições de 2016, e intensificou-se a partir de 2018. Precisamos recuperar e fortalecer as instâncias de base do partido, organizacionalmente, politicamente e financeiramente, garantindo a vida orgânica dos núcleos e setoriais. Construir o partido de baixo deveria ser a tarefa número 1 da sua direção e não é o que vemos.

23. Precisamos de forma urgente recuperar a Internúcleos enquanto esse espaço fundamental para aglutinar a política de base do partido, e principalmente pensar na necessidade dos núcleos terem vida e autonomia fora de períodos eleitorais e congressuais do partido. A pandemia serviu para evidenciar a necessidade das políticas de base, principalmente nas regiões mais vulneráveis de nossa cidade.

24. Com o crescimento das redes sociais e as crescentes dificuldades de manutenção dos partidos nas novas leis eleitorais, é fundamental que o PSOL Carioca tanto invista organizacionalmente e financeiramente em um setorial de comunicação forte e amplo, quanto em fortalecer todas as formas de receita do partido: seja na cobrança da quotização militante estatutária, nas campanhas de financiamento espontâneo ou na cobrança da quota dos mandatos.

#### **Às tarefas do PSOL Frente a Conjuntura**

25. Na contramão de uma orientação que mira em 2022 sem disputar 2021, o PSOL deve contribuir para o fortalecimento das lutas encampadas pela classe trabalhadora e pelos grupos subalternos. As mobilizações do Fora Bolsonaro, contra o *Renova Centro*, em oposição a precariedade do trabalho lideradas pelos entregadores de aplicativos revelaram uma disposição de luta que a pandemia não foi capaz de neutralizar.

26. Ocupar o legislativo tem sido um desafio no qual o PSOL tem obtido êxito. Apresentando discurso radical e construindo uma real oposição ao neoliberalismo, ao racismo, à LGBTIfobia, ao machismo e ao bolsonarismo. Ainda assim, as várias mulheres negras que têm assumido os desafios e as dificuldades eleitorais chegam nos mandatos com outras dificuldades para se manterem neles: a deslegitimação do seu trabalho, silenciamento, ataques machistas e racistas sobre seus corpos, ataques em atividades virtuais, ameaças e até atentados à integridade física fazem parte de um escopo amplo de violência.

27. Conforme dito anteriormente, é imprescindível fortalecer o PSOL como um partido militante, capaz de ser oposição a prefeitura Paes e a seu modelo higienista de cidade. Não podemos reforçar a narrativa de que Paes representa qualquer saída ao Bolsonarismo, ao enfrentamento às milícias ou seja parte do mesmo projeto de cidade que nós defendemos ou ainda, sendo um aliado em potencial como defende Freixo. Com isso, é preciso que o PSOL *se jogue de cabeça* nas mobilizações dos ambulantes, entregadores de aplicativo,

populações de favelas ameaçadas de remoção e outras lutas, construindo um polo político pautado pela independência de classe.

### **Assinam essa tese**

1. Anderson Ávila
2. Anna Sagnori
3. Ana Karenina Riehl
4. Beatriz Soares Serra
5. Betty Ferreira de Sá
6. bruno de sousa carvalho
7. Caio Lopes Amorim
8. Carolina Granado da Silva
9. Carlos Eduardo de Oliveira Pereira - Militante Núcleo Marinheiro João Cândido
10. Carlos Schramm - Núcleo Copanema
11. Daniela Petti - Diretório Estadual PSOL Rio de Janeiro
12. Danieli machado- feminista é trabalhadora da cultura
13. Daniela Franco- professora de economia UFF/Campos
14. Diego Agra Lobo
15. Elidio A. B. Marques
16. Fernando Teixeira
17. Francisco Aimara Carvalho Ribeiro
18. Filipe Ferreira Pires Volz
19. Felipe Loureiro
20. Gabriel de França Horta Barbosa - Núcleo 1º de Maio
21. Gustavo Bueno
22. Guilherme França
23. Heitor Esteves - Conselheiro Tutelar
24. Hugo Gomes Ottati de Menezes
25. Jennifer Oliveira
26. João Paulo Sagnori Erconval
27. Júlio César Salino de Souza
28. Kamila Silva
29. Livia Rodrigues - Núcleo Anticapitalista 1º de Maio - Grande Tijuca
30. Leonardo Judice Amatuzzi
31. Luiz Felipe Liebermann Merino
32. Maria Clara Victorino
33. Marcela pereira mendes
34. Magda Furtado - Direção nacional do SINASEFE
35. Mauro Vinícius de Souza Floriano
36. Milane de Souza Leite
37. Pedro Alves
38. Pedro Henrique Bezerra
39. Pedro Neves
40. Raquel Loschiavo Oliveira de Avila
41. Raphael Coelho Peres - Núcleo Botafogo

42. Richard Clayton
43. Roberto Ferreira Costa Ribeiro
44. Rodrigo Resende - Núcleo Copanema
45. Rodrigo de Vasconcellos Maciel Guedes Batista
46. Rostan Luiz
47. Sergio Augusto Belerique - Diretório Municipal PSOL Carioca
48. Sergio Roberto Monteiro Alves
49. Sidarta Landarini
50. Sofia Barbagelata Figueira - Núcleo Anticapitalista 1º de Maio - Grande Tijuca
51. Vanessa Melo Lira
52. Vanessa Vieira Leal
53. Vitor Machado